

Há que levar muito a sério as curvas exponenciais!



Ricardo Ladrão

Perante os indicadores da pandemia, as autoridades estão obrigadas a imensa humildade intelectual e a errar pelo lado da prudência

A realidade da pandemia em Portugal entristece. Fui um dos que, não sendo especialista, defendeu reiteradamente, desde o início, medidas mais drásticas para reduzir o número de novas infecções para níveis próximos de zero.

Deitámos a perder os sucessos que foram alcançados em 2020 porque nas alturas em que os números de novas infecções caíam, as medidas de confinamento eram relaxadas e a economia reabria e, sobretudo, porque não se aproveitou essa fase de forma suficientemente eficaz para melhorar a capacidade do Sistema Nacional de Saúde para combater o embate seguinte, nomeadamente por razões de ordem economicista de curto prazo, que nem sequer resultam ou resultaram em verdadeiras poupanças, antes pelo contrário.

Portugal está, por conseguinte, agora, em confinamento e, na prática, começa a estar sujeito a um cordão sanitário internacional e faz sentido que assim seja. Aliás, as medidas de confinamento em Portugal ainda deveriam ser mais drásticas, como foram em Itália no auge da primeira vaga. A revista alemã *Spiegel*, num relato dramático, que se julga ser exagerado, afirma que peritos das forças armadas da Alemanha estimam que 70% do pessoal dos hospitais portugueses esteja infectado com o coronavírus.

Em suma, se o exemplo de Melbourne, na Austrália, serve de referência, iremos estar sujeitos a um confinamento duríssimo durante muito tempo ainda em 2021.

“Ideias fixas” não se dão bem com curvas exponenciais

Perante curvas exponenciais nos indicadores da pandemia, as autoridades estão obrigadas a imensa humildade intelectual e a errar pelo lado da prudência.

Ora, nota-se que em sucessivos momentos no tempo, o Governo, face a recomendações contraditórias de especialistas, a enormes pressões de grupos de interesse económico e de partidos políticos, e às suas próprias contradições internas, optou por decisões que se revelaram, pouco tempo mais tarde, incorrectas.

A culpa não é só do Governo, que procurou acomodar a perspectiva de grupos de interesse. Não obstante, em consequência dos

erros e hesitações no combate a esta terceira vaga, o Governo está muito fragilizado apesar do enorme trabalho e sacrifício pessoal dos seus membros na resposta a esta pandemia.

Não devemos, no entanto, esquecer o que de muito de bom e de bem se fez neste processo, nomeadamente salientando a coragem, humildade e sentido de serviço público da ministra da Saúde, Marta Temido (não estou a ver, pelo menos, nas duas décadas deste século, melhor ministro ou ministra para enfrentar esta crise), e o papel do nosso Serviço Nacional de Saúde, o qual, como testemunha Isabel do Carmo, tem reagido de forma profissional, competente e flexível, não obstante as enormes limitações e desafios que enfrenta.

Finalmente, é de salientar e agradecer a disponibilidade para apoiar o SNS demonstrada pela Alemanha e a Áustria nesta hora difícil.

A Comissão Europeia fez asneira e agora, para distrair, cria um conflito com o Reino Unido

João Rodrigues, no blogue Ladrões de Bicicletas, e Teresa de Sousa, no PÚBLICO, notam que a Comissão Europeia encomendou 400 milhões de vacinas da multinacional britânica e sueca AstraZeneca três meses depois de o Reino Unido ter encomendado 100 milhões de vacinas. E não encomendou inicialmente um número suficiente das vacinas mais promissoras da Pfizer/BioNTech e da Moderna, como já referido nesta coluna. Como as encomendas da Comissão Europeia foram realizadas relativamente tarde, a União Europeia está muito atrasada no processo de vacinação.

Face à polémica e às críticas que lhe têm sido feitas, a Comissão Europeia ameaçou com processos jurídicos, restrições às exportações de vacinas para o Reino Unido e outros disparates.

Seria necessário negociar licenças para fabrico de vacinas em larga escala, colocando a defesa da vida à frente de interesses económicos ou considerações financeiras, e agora, com o atraso evidente nas encomendas, engolir um sapo (e o orgulho bacoco), adquirindo outras vacinas disponíveis no mercado, nomeadamente as

de origem russa e chinesa, após a respectiva certificação pelas competentes autoridades europeias.

Se o ridículo matasse...

O responsável do INEM no Norte foi forçado a demitir-se e o Conselho Directivo do INEM acedeu a essa vontade – por ter dispensado 11 vacinas contra a covid-19 que restavam a funcionários de uma pastelaria próxima do local de vacinação.

Noutros países europeus, são adoptados pontualmente procedimentos similares para evitar deitar fora vacinas, algo que também está previsto nas regras portuguesas. A decisão do responsável do INEM no Porto foi a correcta, uma vez que, desse modo, impediu que se perdessem as 11 vacinas, ou seja, 0,0036% das vacinas já administradas (-300 mil), com um custo para o erário público de €170,5 (=€15,5 x 11).

Em consequência da polémica, foi aberto um processo de averiguações que custará ao erário público, no mínimo, algumas dezenas de milhares de euros.

E o responsável pela decisão certamente competente, experiente e que fará muita falta aos serviços do INEM –, que tomou uma decisão pragmática, eficiente e lógica, poupando ao Estado recursos e reduzindo o risco, não só foi vilipendiado como foi afastado das suas funções.

Que mensagem passamos?

“

Não deixa de ser irónico que alguns *hedge funds*, que estão habituados a especular contra países e povos, estejam agora a sofrer face a um grupo de jovens sem experiência



A revolução colorida em Wall Street ou levar muito a sério as curvas exponenciais – parte II

Na sequência da tomada do Capitólio a 6 de Janeiro, antecipei o fim das revoluções coloridas, com censura e limitações às plataformas sociais digitais. Não me passava pela cabeça que, ainda ao longo deste Janeiro, outra revolução colorida, através de outra rede social (o fórum Reddit WallStreetBets na Internet), sobretudo de jovens, tivesse tomado de assalto os fundos de investimento de risco especulativo (*hedge funds*) de Wall Street, causando perdas estimadas em 70 mil milhões de dólares a sofisticadas empresas financeiras do mais alto *pedigree*, e levando as bolsas a cair.

Não deixa de ser irónico que alguns *hedge funds*, multibilionários e grandes bancos, que estão habituados a especular contra países e povos, vergando-os e ganhando somas obscenas, estejam agora a sofrer face a um grupo de jovens sem experiência.

Não serão os “*pitchforks*” (forçados do povo descontente, nem os protestos Antifa ou BLM (Black Lives Matter), nem mesmo o caos da tomada do Capitólio, mas abalou o mundo do dinheiro de forma mais profunda do que qualquer um desses protestos sociais.

O “*establishment*” reage

O fórum Reddit foi banido da plataforma digital que o suportava e os principais intermediários financeiros (*brokers*) proibiram os “pequenos investidores” (i.e., pequenos especuladores) de adquirir as acções que estavam a subir imparavelmente, causando perdas a Wall Street.

As teorias de conspiração abundam, e as autoridades americanas investigam eventual colusão entre *hedge funds* e intermediários financeiros, mas poderão existir outras explicações.

O consenso parece ser que os novos revolucionários serão duramente esmagados pelo “*establishment*”, com muitos a arruinarem-se financeiramente, com novas limitações à liberdade de expressão e acusações prováveis aos cabecilhas que, em alguns casos, mais não fizeram que defender as suas teses de investimento e publicar os seus balanços, sendo imitados rapidamente por muitos.

Mas as narrativas provavelmente não coincidem com a realidade. No anonimato, escondidos atrás dos jovens da WallStreetBets, existirão outros fundos especulativos (*hedge funds*) a imitar estes jovens e serão esses *hedge funds* que estarão por detrás das curvas exponenciais.

Parece, no entanto, que a questão é mais profunda. Os jovens do WallStreetBets (e/ou outros fundos especulativos) “tropeçaram” numa falha grave na arquitectura do mercado de acções, respectivos derivados e produtos estruturados, bem como nos sistemas de compensação e de gestão do risco, que pode bem ter consequências mais severas para os mercados bolsistas. Que obriga o *establishment* a reagir. E este não sabe ainda como fazê-lo!

**Professor de Economia do ISEG.
Escreve à segunda-feira**